

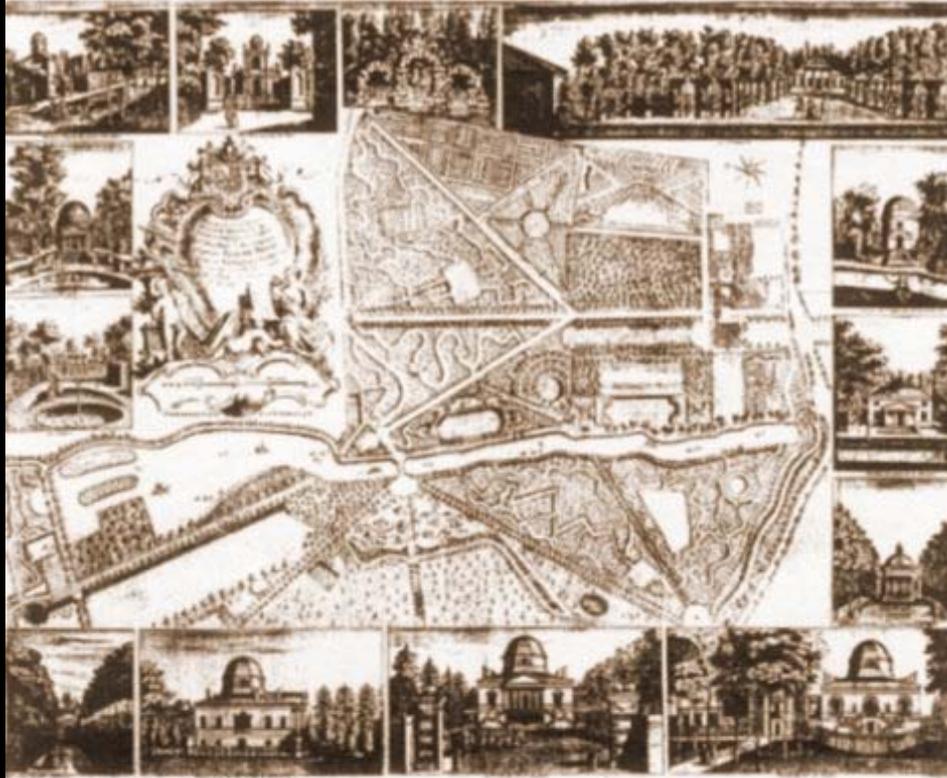
O GOSTO INGLÊS na PAISAGEM dos SÉCULOS XVIII e XIX

Já nos princípios do século XVIII surgia um novo conceito de beleza que tinha como característica enaltecer a irregularidade e a fantasia formal dos jardins e da paisagem.

Esse novo gosto inglês iniciou-se com uma diretriz de pensamento e de concepção de natureza primeiramente na Inglaterra, sendo divulgado mais tarde em outros países.

Era a primeira vez, portanto, que se colocava em prática uma nova concepção de beleza nitidamente diferente da formalidade encontrada nos desenhos de jardim em voga até então.

Uma grande variedade de pavilhões chineses, mouriscos e góticos, além de ruínas artificiais, mausoléus e templos fez com que esse tipo de jardim se tornasse desejável por toda a Europa.

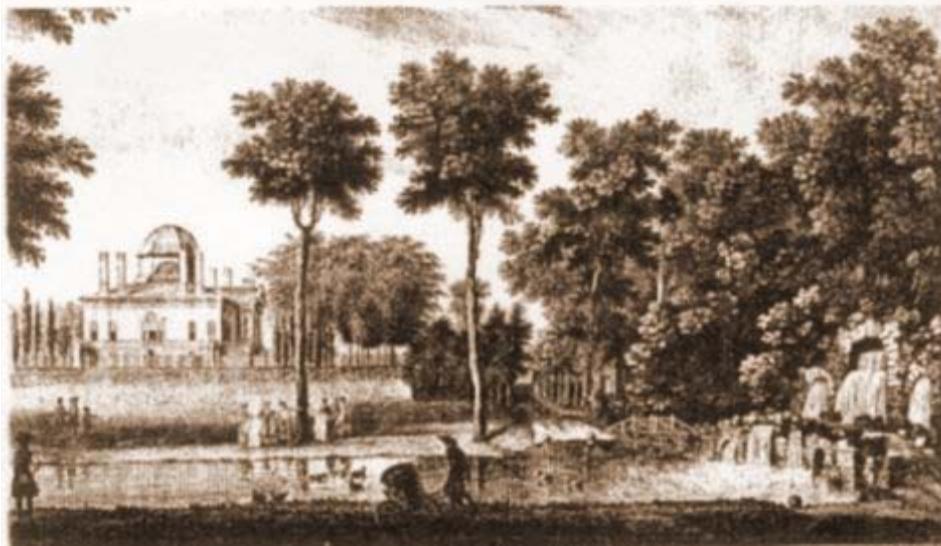


Implantação dos jardins da Chiswick House, 1736. Lord Burlington e William Kent.

Perspectiva da fachada oeste da mansão *palladiana*, com a cascata realizada em 1753.

Considerada um paradigma no desenvolvimento do jardim paisagem, ainda persiste a formalidade monumental presente nos elementos de percurso, os pequenos lagos geométricos e os jardins privados menores, separados pela *villa*.

Mais tarde, a intervenção de William Kent deixaria os traçados geométricos do jardim com o aspecto mais natural possível.



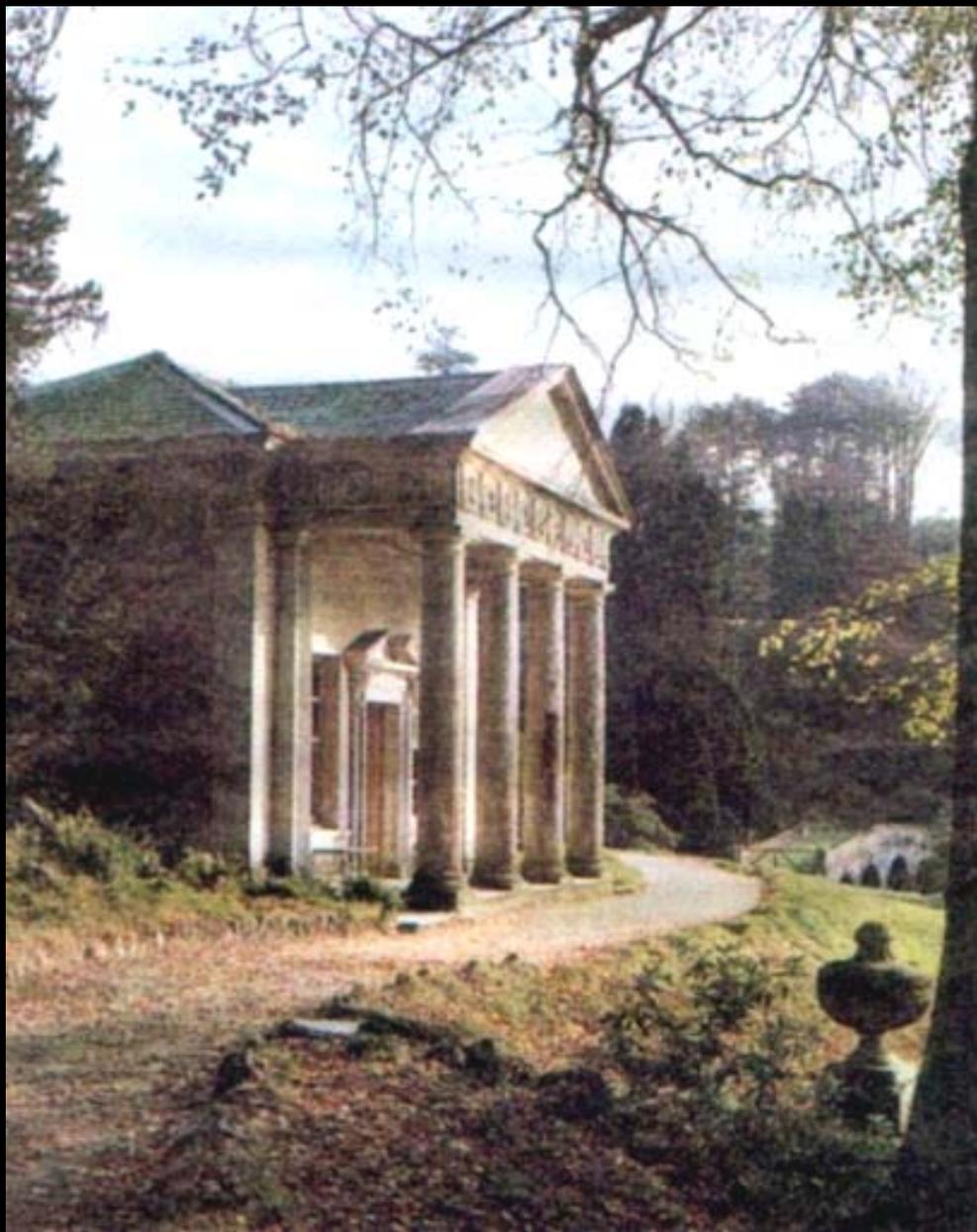
O MOVIMENTO PITORESCO

O jardim pitoresco inglês procurava imitar a própria natureza, tentando simular o crescimento natural das plantas, as irregularidades do terreno e os momentos de surpresa.

Essa nova concepção de paisagem também se baseava no arranjo da natureza através da imitação da arte e da pintura, procurando evidenciar a distribuição irregular e assimétrica da natureza, os efeitos da vegetação e a presença de luminosidade.

Os percursos do campo também deveriam surpreender o espectador, levando-o à fruição da paisagem como se fosse uma “sucessão de quadros”.

Com isso, a noção de traçado regular predominante no jardim francês passa a se contrapor à nova concepção inglesa, que em meados do século XVIII começa a ser requisitada em toda a Europa Ocidental.

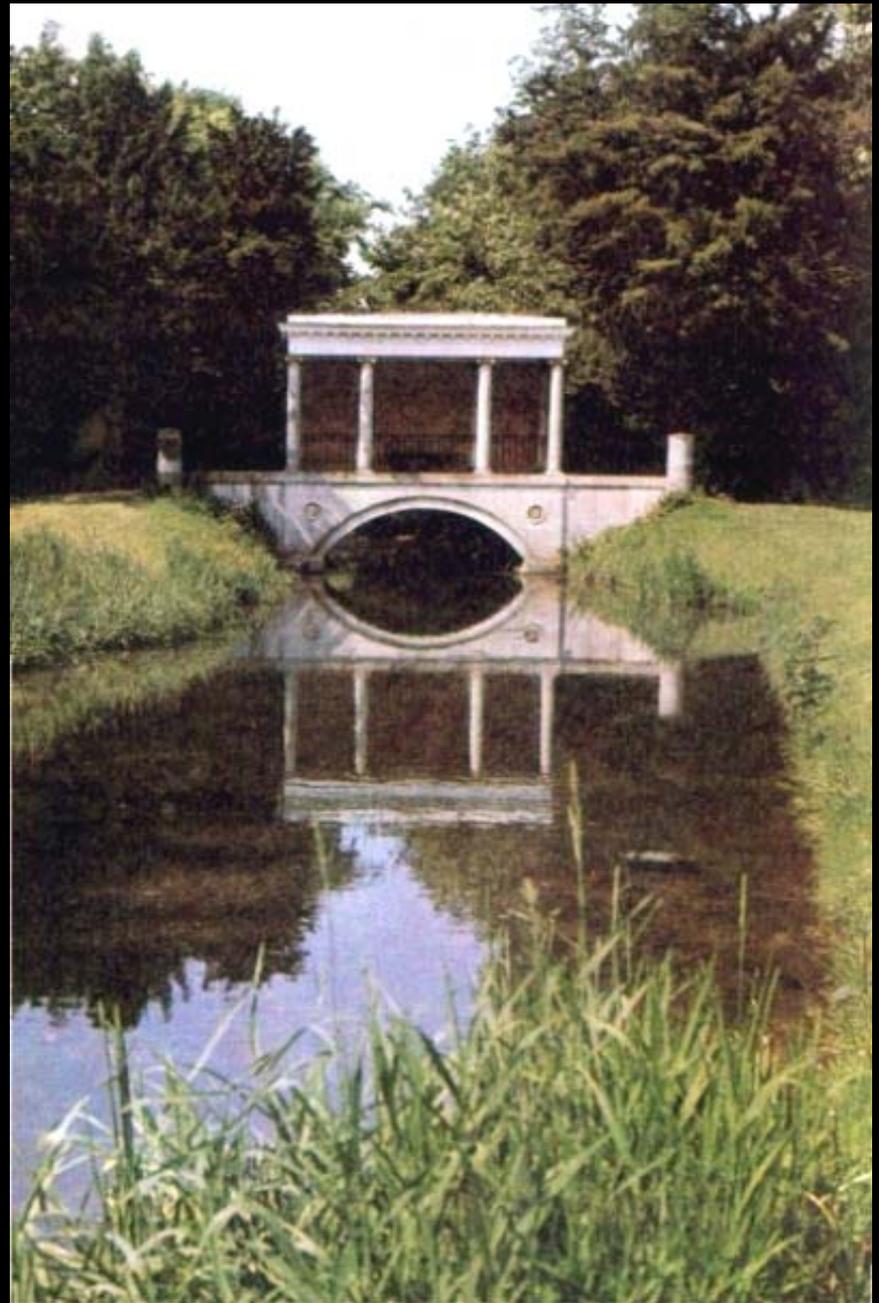


Templo de Flora, Stourhead,
1745. *Henry Flitcroft.*

Os jardins do período
Georgiano se formavam em
torno de um lago com traçado
irregular, onde eram
colocados vários
monumentos de referência
palladiana.

Casa de Chá, 1783. Robert Adam.

A construção em meio à paisagem, situada sobre uma ponte, possui uma composição arquitetônica inspirada num elegante neoclassicismo.





Perspectiva de Stourhead

Essa imagem mostra o *Templo de Flora* (à esquerda), a ponte de cinco arcos (à direita) e a *igreja Stourton* (aos fundos) – um cenário bastante característico do paisagismo inglês.

A ESTÉTICA do BELO e do SUBLIME

A categoria de Belo teve sua formação derivada da combinação de proporções uniformes e variáveis, incluindo a associação da forma, do contorno, do tamanho e da escala, tornando as proporções agradáveis.

Acredita-se também que a Beleza tenha se formado a partir da leveza, da suavidade, da irregularidade e sutileza, incluindo a presença da vivacidade e clareza das cores.

O Belo, portanto, estava associado à satisfação e ao *“prazer do gosto”*.

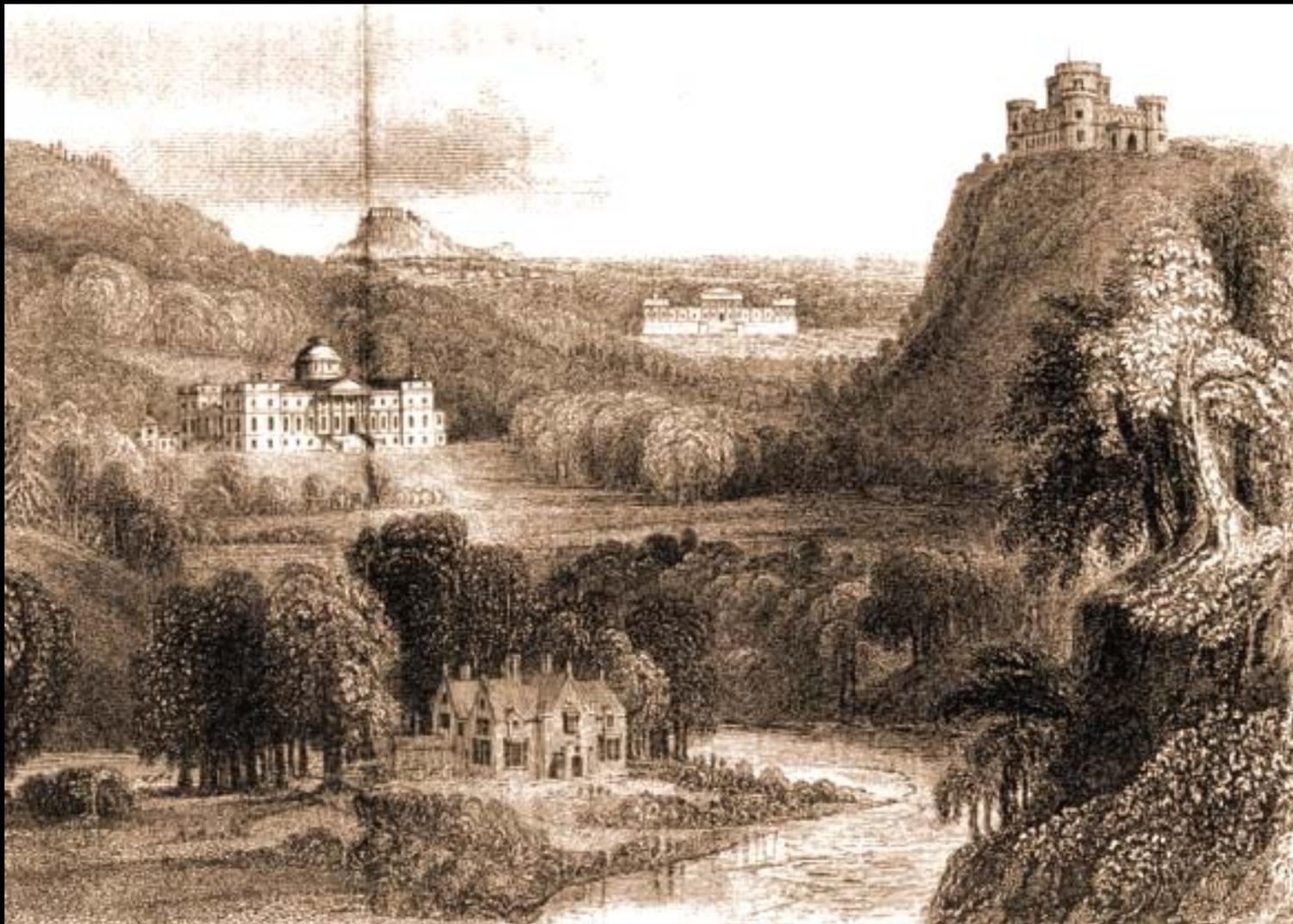
A segunda categoria – o Sublime, estava associada ao medo, à solidão, ao esplendor, à escuridão, à fantasia e à emoção irracional.

Edmund Burke, em *“Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo”*, reconhece o poder da sugestão como um estímulo à imaginação, fazendo com que o campo, as paisagens montanhosas, os fenômenos da natureza, a arquitetura austera e com poucos ornamentos começassem a ser apreciados.



Casa de campo. Vista de P.F. Robinson, de “Rural architecture, series of designs for ornamental cottages”, 1823.

Essa imagem mostra um dos ícones do cenário pitoresco: a sinuosidade do terreno, ao longo das casas, o riacho que segue à esquerda e as árvores inclinadas sobre a casa, permitem a distribuição de luz e sombra na paisagem



“Residências romana, normanda, Tudor e grega em paisagem agradável”. Richard Brown.

Extraída de “Domestic Architecture”, de 1841, a imagem apresenta diversos aspectos paisagísticos combinando-se com as várias tipologias das casas de campo.

A idéia de pitoresco teve sua origem junto ao cenário das casas de campo e das construções ornamentais em locais românticos, tais como os bosques e os lagos artificiais.

Em meados do século XVIII, portanto, o paisagismo inglês passa a se integrar de uma nova maneira com a arquitetura, promovendo a ambiência da casa de campo – retirada da cidade, conforme o gosto da época.

A partir do século XIX, com o processo de industrialização nos grandes centros urbanos e à consolidação da classe média, a nova burguesia inglesa passou a buscar refúgio nos arredores de Londres.

O gosto pelo chamado **jardim paisagem**, agora juntamente com o **chalé romântico** que, construído tanto para ornamentação quanto para o uso diário, tornou-se o **conceito favorito de moradia pela sociedade inglesa**.

Assim, nos subúrbios londrinos, surgiam cada vez mais exuberantes casas de verão em meio a jardins. Aristocratas, ricos comerciantes e profissionais passaram a se fixar nas áreas suburbanas em busca de ar fresco, dos banhos saudáveis e de tranqüilidade, fazendo com que as interferências do trabalho e da cidade permanecessem afastadas.



Marble Hill Houses, meados do século XVIII.

As agradáveis vilas construídas para as “*middle-classes*” ainda constituem um belo exemplo de moradia às margens do rio Tamisa.



Casa de campo.

Esta bela residência de campo, com tijolos aparentes, está perfeitamente situada ao longo de uma área verde e do pequeno lago.

A fachada simétrica aparece refletida na água, enfatizando as proporções clássicas da residência.



Casa de campo em Parkland, início do século XIX.

Essa luxuosa propriedade de um *landlord* concilia o uso da agricultura com os prazeres da natureza domesticada.



Vista de casas campestres. 1816. *Humphry Repton*.

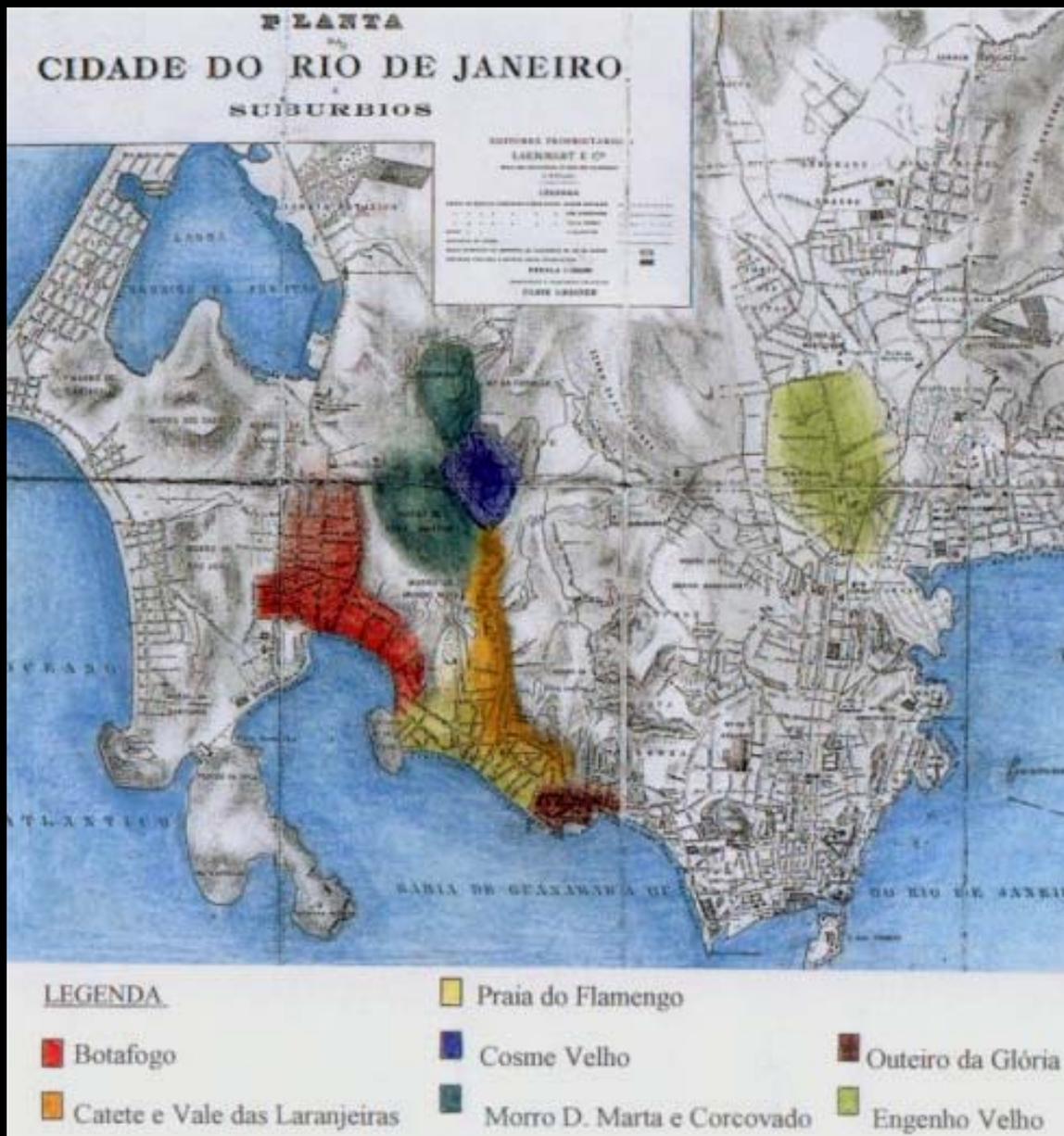
As flores e o colorido dos jardins haviam desaparecido do paisagismo inglês durante os dois séculos precedentes. Repton propôs, portanto, uma reintrodução das cores, que seria amplamente difundida na era Vitoriana.

O GOSTO INGLÊS nos SUBÚRBIOS do RIO DE JANEIRO, SALVADOR e RECIFE

Os ingleses teriam despertado a atenção de outros estrangeiros e da elite brasileira ao fixarem suas residências nos arredores do Rio de Janeiro, de Salvador e do Recife, durante o século XIX.

Os britânicos procuravam as áreas mais salubres, arejadas e agradáveis, sempre dentro de um repertório pitoresco, onde a casa permanecia isolada em meio à vegetação, mesclando quase sempre a arquitetura residencial – na forma de chácaras e casas de campo, com algum aspecto da natureza.

Portanto, como teria ocorrido na Inglaterra na transição do século XVIII para o século XIX, os ingleses aqui presentes buscavam as áreas mais saudáveis nos subúrbios das capitais para se instalarem, permitindo desfrutar das belas paisagens ao redor.



Planta da Cidade do Rio de Janeiro e subúrbios, 1890.

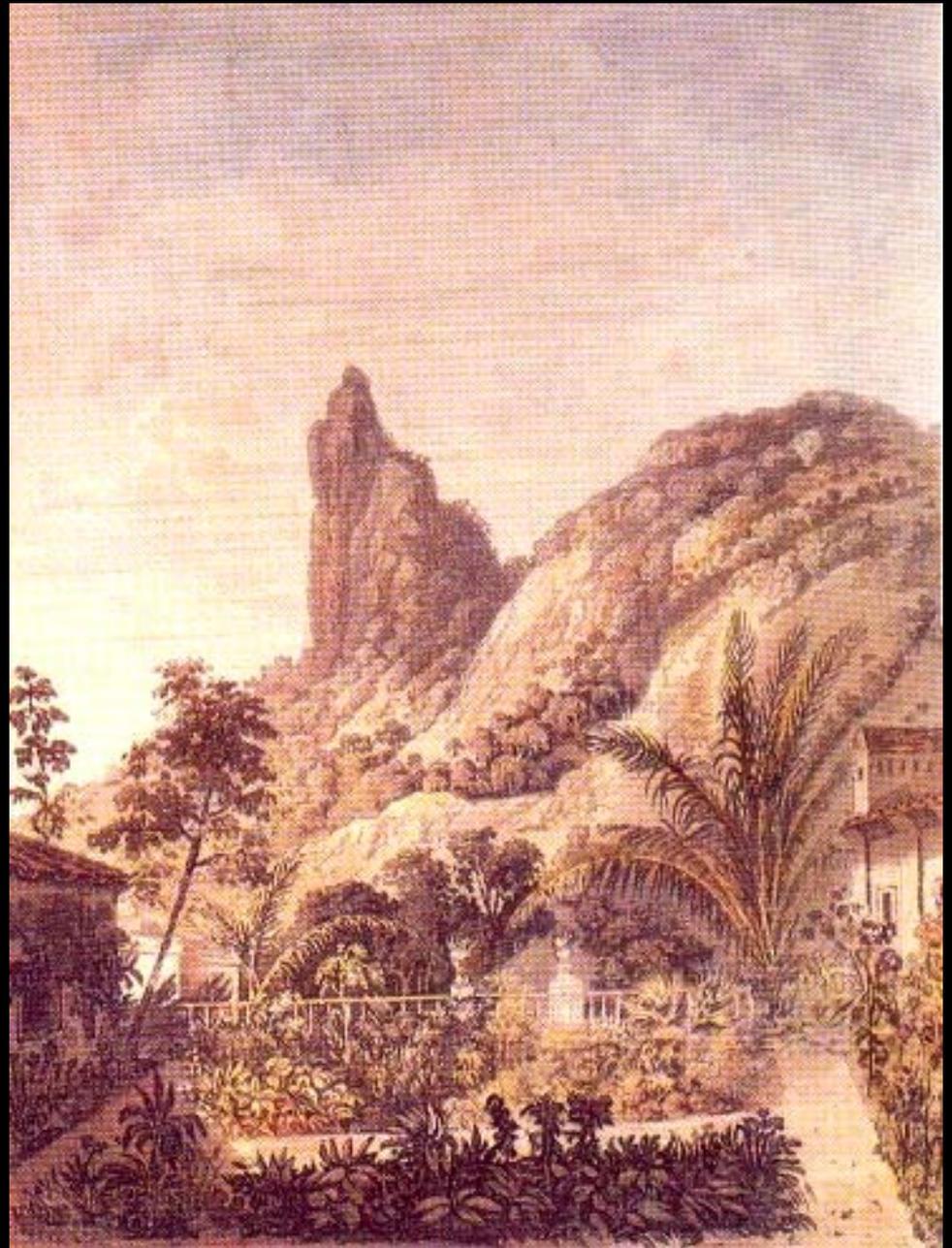
Os ingleses se concentraram principalmente na *enseada de Botafogo, no Catete e Vale das Laranjeiras, Engenho Velho, Glória e Cosme Velho.*

Também gostavam de passear a cavalo pelos arredores da cidade, principalmente em direção ao *Corcovado, Morro D. Marta e Vale das Laranjeiras*

Vista do Corcovado. *Maria Graham*

“Rio de Janeiro, sábado, 15 de dezembro de 1821: Nada do que já vi é comparável em beleza com esta baía. Nápoles, o porto de Bombay, Trincomalee, cada um dos quais eu julgava perfeito de acordo com sua beleza, todos devem se render ao Rio, que excede cada uma das outras em seus vários aspectos.

Altas montanhas, pedras, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de plantações, tudo misturado com construções brancas; cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados e inúmeros barcos movimentando-se num clima delicioso – tudo isso torna o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber.”





Colina em Mata-Cavalos, em direção ao Catete. *Thomas Ender*. Início do século XIX.

Esta aquarela retrata a exuberante paisagem tropical na região de Mata-Cavalos, com algumas chácaras ao fundo



Chácara do Russell, Ladeira da Glória. Pieter G. Bertichem.

Adquirida por Russell, em 1817, os ingleses foram os primeiros a descobrirem as vantagens de morar neste morro pitoresco.



Vista da entrada da Barra do Rio de Janeiro, com o Outeiro da Glória. *Robert Dampier.*

O inglês Dampier retratou, nesta paisagem, a casa de sua irmã Mary, atrás da Igreja da Glória, tendo ao fundo a entrada da Barra.



Baía de Botafogo - Rio de Janeiro, 1819. Henry Chamberlain.

“as chácaras mais ricas e elegantes dos arrabaldes da cidade encontram-se no caminho de São Cristóvão (...) do Catete ou da linda enseada de Botafogo. Estas últimas, principalmente, de aspecto encantador, agrupam-se pitorescamente sobre as colinas arborizadas dos contrafortes do Corcovado; seus jardins bem tratados e arranjados em anfiteatros são regados pelas águas que descem das florestas virgens (...) Jean B. Debret



Chácara de Mr. Derbyshire – Engenho Velho, 1827. *Emeric E. Vidal.*

De cenário campestre, esta grande chácara situada no Engenho Velho, pertencia a Mr. Derbyshire, provavelmente um comerciante inglês.



Chácara de Williams – casa de campo, 1818. Emeric E. Vidal.

(...)“nada é mais belo aos olhos de um recém-chegado do que o aspecto luxuriante das diferentes árvores e arbustos, com as montanhas vestidas até o cimo das florestas e, entre elas, o Corcovado, sob o qual parecemos estar constantemente; sendo o ponto de referência mais proeminente”.

Os Diários do Almirante Graham Eden Hamond, 1825-1838.



Vale das Laranjeiras. *Emeric E. Vidal.*

Vista dos arredores do Rio de Janeiro, através do jardim da casa de Mr. Britain, 1827.



Fazenda de George March. Serra dos Órgãos – Teresópolis. *William G. Ouseley.*

A estampa mostra a fazenda do comerciante inglês George March, junto à Cabeça do Fraille, onde o casal Ouseley acompanhou um grupo pioneiro de diplomatas e ingleses que procuravam desfrutar do ar fresco da serra



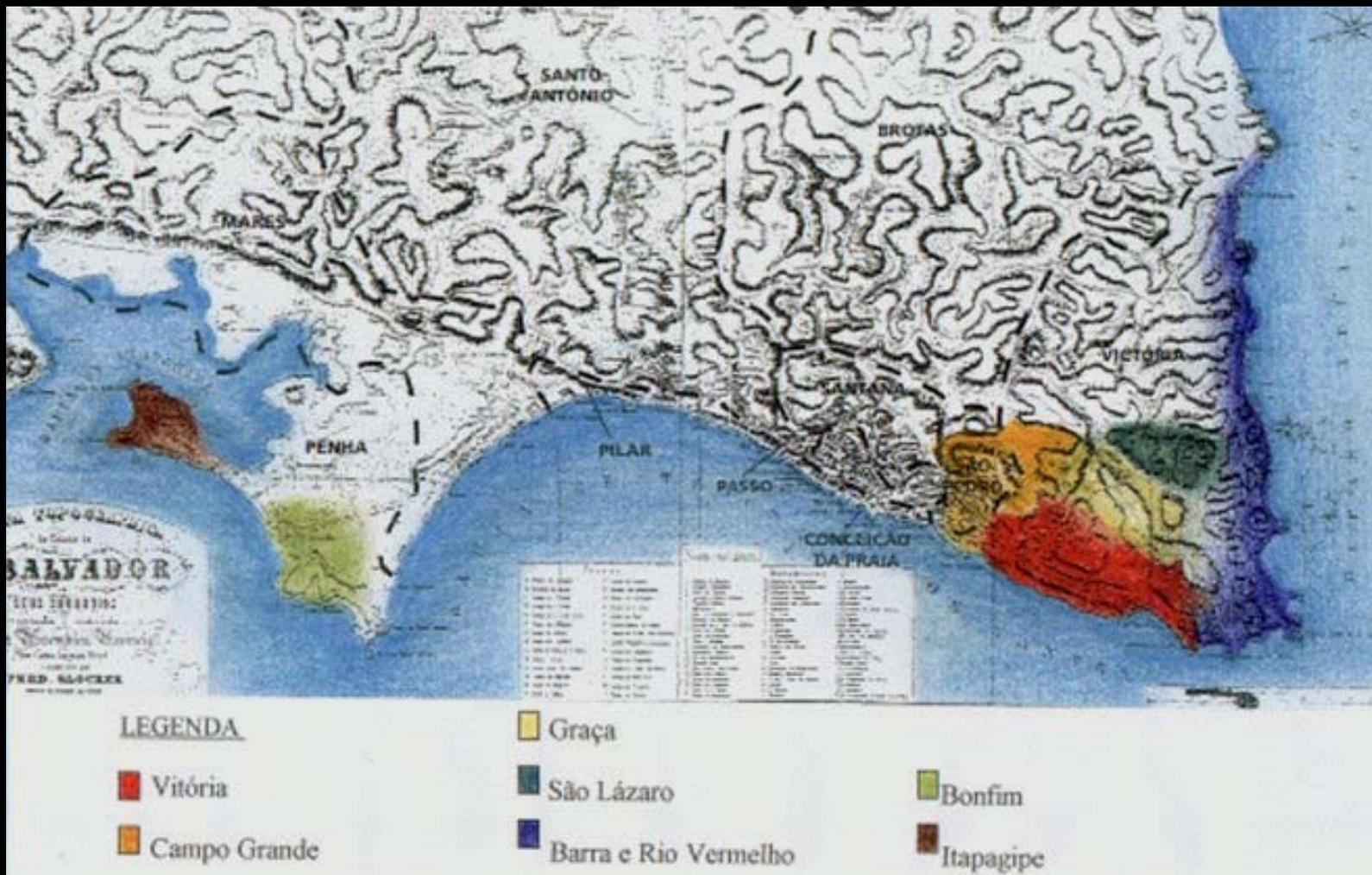
Salvamento de Cargas e Tesouros do H.M.S. Thetis, em Cabo Frio. *John Schetky.*

A gravura nos mostra uma representação das forças da natureza como um dos aspectos que estimulava o sentimento do *sublime* na pintura inglesa.



Paisagem do Rio de Janeiro com casa tipicamente inglesa.

*“As viagens pitorescas realizadas pelos viajantes na primeira metade do século XIX no Brasil não deixa de ser uma transposição das práticas europeias da **pintura** e da **percepção da natureza**. No caso inglês, o sentimento teria o papel de **julgar esteticamente**, sendo que a beleza encontrada na natureza teria uma concepção subjetiva das sensações e do sentimento na arte.”*



Mapa Topographica da Cidade de S. Salvador e seus subúrbios levantada e dedicada a Ilustre Assembleia Provincial, 1850. *Carlos Augusto Weyll.*

Os bairros ocupados pelos estrangeiros foram a *Vitória*, o *Campo Grande* e a *Graça*.

Os ingleses, particularmente, apreciavam os passeios na região da *Barra* e ao longo do *Rio Vermelho*.

Também gostavam de veranear e banhar-se na região do *Bonfim* e *Itapagipe*.



Aspecto do Campo Grande. Camillo Vedani, 1870.

Imagem que mostra a ocupação do bairro pelas famílias mais abastadas, com seus palacetes



Campo Grande. Início do século XX.

Imagem da Praça Dois de Julho, onde *“lagos artificiais, repuxos e pérgolas fizeram do Campo Grande o local mais concorrido da juventude baiana”*.



Morro da Vitória e Cemitério – Porto da Bahia. *William Gore Ouseley.*

*“Transpondo o Cabo e o Forte de Santo Antônio (...) as construções que mais se destacam são a igreja e as mansões situadas no terreno elevado, chamado Vitória, e de onde se descortina o porto. Trata-se do **subúrbio favorito e pitoresco da Bahia**, sendo o local escolhido para várias chácaras ou quase residências de campo. A elevação é suficiente para evitar o calor extremo da cidade baixa e para gozar o benefício da brisa marinha. Considera-se um **local saudável** (...)”*



Dique do Tororó. Acervo da autora, 2003

*“(...) afastando-se das margens populosas e sonoras, penetra-se num outro mundo, onde plantas aquáticas, raras e misteriosas, fascinam o visitante, que se maravilha igualmente com as portentosas árvores das margens. As colinas em semi-círculo, a forma do terreno e as cores principais poderiam ser tomadas de um **parque inglês**, onde a arte da natureza desempenha um papel tão importante.*

O olhar do forasteiro se extasia com o brilho das cores, com o gigantesco das formas, com a profundidade das sombras, com a impenetrabilidade da luxuriante vegetação. Mas todos os detalhes são novos, como que pertencentes a um outro mundo.” Maximiliano de Habsburgo, 1860

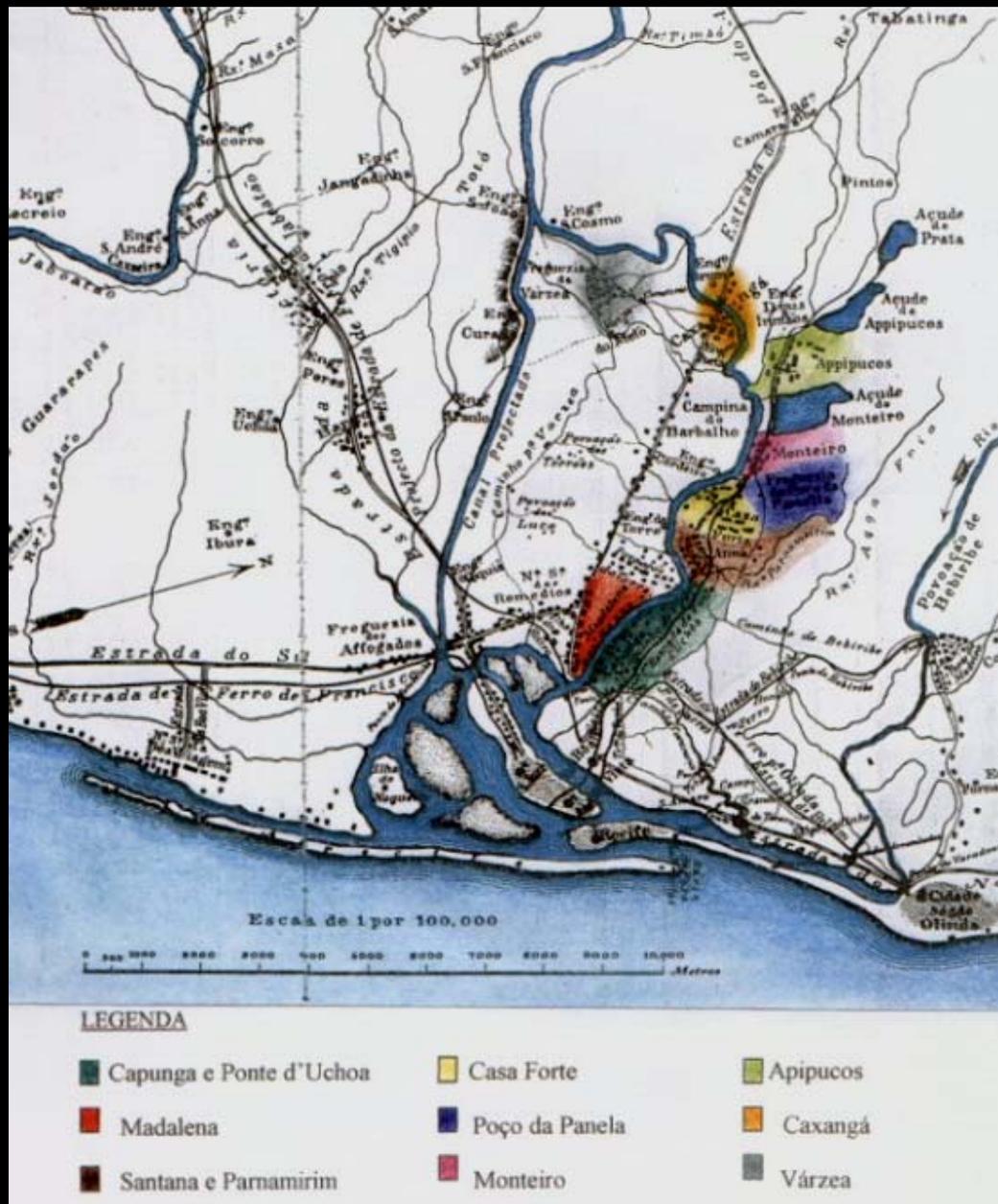


Praia do Farol.

Durante o século XIX, o arrabalde da Barra também se caracterizou pelo casario que se estendia à beira-mar e, juntamente com os coqueirais, formavam um cenário pitoresco. Notam-se os costumes europeus já incorporados àquele local.

Planta da Cidade do Recife e seus arrabaldes, 1870. *Francisco Henrique Carls.*

Observar o desenvolvimento urbano ao longo do rio Capibaribe e a intensa ocupação nos arredores do Recife, já identificada em meados do século XIX, sobretudo com a presença de estrangeiros, especialmente dos ingleses, que se fixaram em torno *da Casa Forte, Parnamirim, Madalena, Ponte d'Uchoa, Poço da Panela, Apipucos e Caxangá.*





Parte da rua d'Aurora e ponte de Santa Izabel, vista do jardim do Palácio. *L. Schlappriz.*

Até o desenvolvimento dos transportes urbanos em meados do século XIX, a circulação na cidade era realizada através de canoas.



Residências de Franco Baltar, Henrique de Oliveira. *L. Schlappriz.*

Destacam-se aqui as chácaras nos arrabaldes do Recife, com seus jardins, pomares e caramanchões floridos, além da presença constante das canoas.



Parte da Passagem da Magdalena. *L. Schlappriz.*

As residências apresentam suas fachadas voltadas para o rio Capibaribe, uma das principais vias de circulação do Recife, no século XIX.

“Portos fluviais, com pontos de embarque e desembarque iriam constituir uma particularidade do cenário recifense, representando, porém, um uso privativo do rio por parte da classe burguesa que habitava as chácaras e os sítios nas suas margens.”



Passagem da Madalena. F. H. Carls

“ (...) esse bairro apresenta uma bela aparência e (...) é realmente encantador aos feriados. É pelo tempo de festas que a natureza produz as mais saborosas frutas e as mais lindas flores (...) O povo aproveita, então, a oportunidade para fazer passeios e excursões ao campo.” Daniel Kidder



Vista dos Caes da Ponte d'Uchoa. L. Schlappriz.

Estampa que registra a vida amena e agradável do verão pernambucano desfrutado pela classe abastada do Recife, nos subúrbios, às margens do rio Capibaribe.



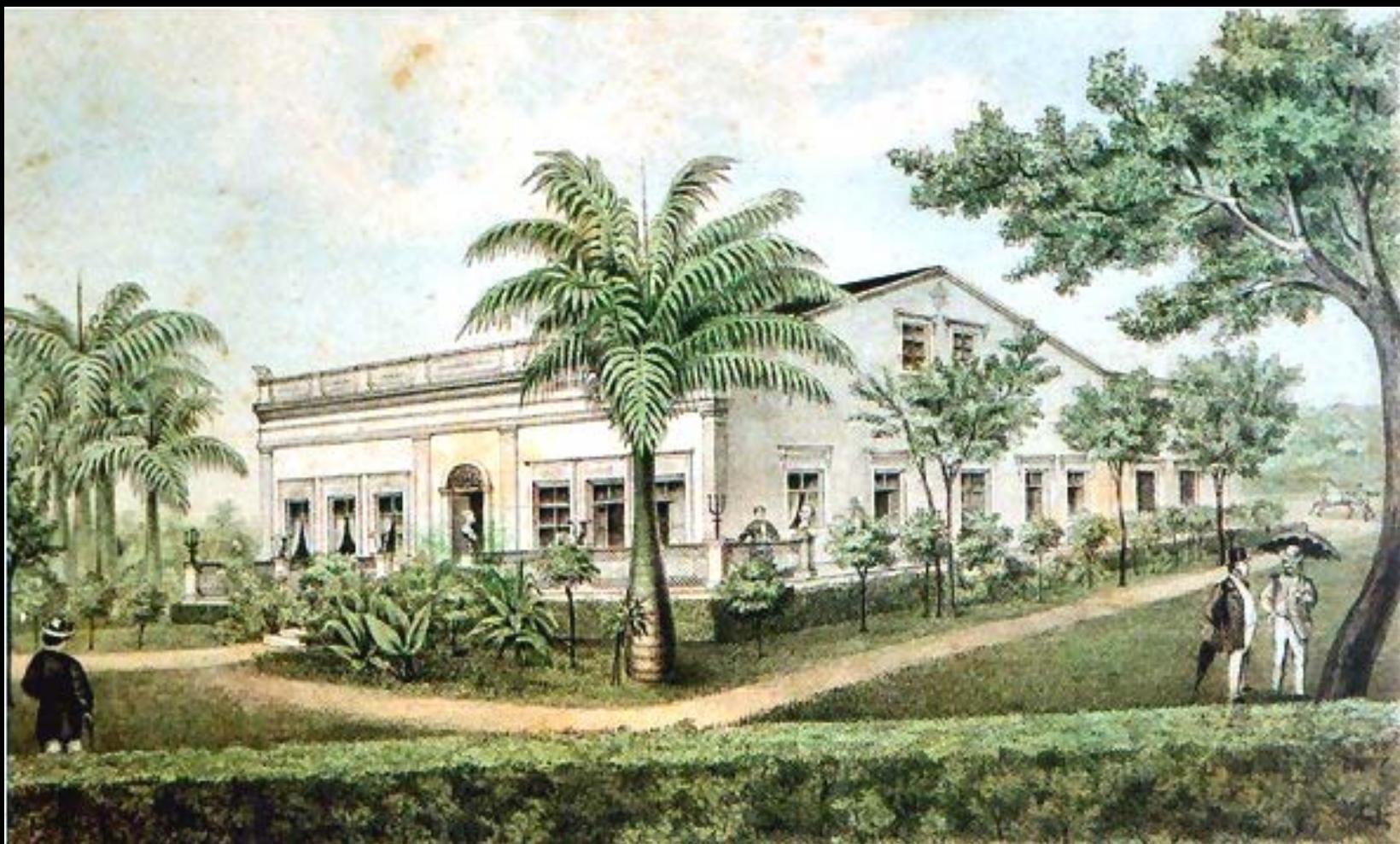
Poço da Panela. Vista realizada das margens do rio Capibaribe, em 1847.

“É raro encontrar margens mais risonhas do que as do Capibaribe, quando se o sobe em canoas até o povoado de Poço da Panela. Ora são lindas casas de campo, cujos jardins e terraços avançam até o rio, ora belas planícies bordadas de mangues ou de plantações com magníficas mangueiras, laranjeiras, limoeiros (...)” Tollenare, 1817



Apipucos. Segunda metade do século XIX. F. H. Carls.

*“A nome Apipucos, no tupi, significa caminho que se divide, encruzilhada, encontro de caminhos. Em meados do século XIX, esse bairro era considerado aprazível e uma concorrida estância balneária, chegando a possuir um hotel e linhas de diligência que faziam ligação com o centro de Recife. Durante muito tempo, foi o **paraíso dos estrangeiros**, em busca de ares mais saudáveis.”*



Sítio de Eduardo Burle, na Estância – tirada da Magdalena. *F. H. Carls*



Ponte do Manguinho, com vista para a casa da Família Tavares da Silva.

“No espaço urbano do Recife, as margens do Capibaribe firmaram-se como uma região privilegiada, que combinava o acesso fácil ao centro da cidade com o atraente elemento do sítio natural, entremeado de trechos pitorescos e bucólicos.”